



FAMÍLIA, AFECTOS E CONSUMOS¹

1. Conferência proferida na Irmandade da Misericórdia e de São Roque de Lisboa, no âmbito dos encontros "Fins de tarde com a família", realizados no edifício sede da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

A família é a estrutura criadora e possibilitadora de desenvolvimento de ser e de vida, obedeça a que modelo obedecer. Autoridade da sabedoria, com uma dimensão económica inalienável, a família é uma comunidade de amor.

Texto de Américo Pereira [PROFESSOR AUXILIAR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
E MEMBRO DA DIREÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS FILOSOFIA, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA]

FAMÍLIA, FAMÍLIAS

A família é uma estrutura fundamental da espécie humana. Não poderia haver espécie humana se não existisse esta estrutura. Não só o ser humano individualmente entendido depende do acto familiar mínimo que é o encontro sexual fértil, como também não pode, de modo algum, subsistir – senão em narrativas míticas – sem a família mínima, constituída pelo acto de contínuo cuidado de um outro ser humano, comumente aquilo a que se dá o nobre nome de mãe, mesmo que o objecto desse nome não seja a progenitora em sentido biológico estrito. Há, também, muitas formas de se ser mãe.

Aqui se estabelece um paradigma estrutural que constitui a própria humanidade como coisa nascida de e na família, obedeça esta a que modelo obedecer. O fundamental é a estrutura-família como criadora e possibilitadora de desenvolvimento de ser e de vida. Reside aqui o absoluto da realidade família, tudo o mais é relativo.

Em termos da tradição cristã, há um pai de família absoluto, que é o próprio Deus, em e pelo seu acto criador. Todos somos filhos de Deus porque todos somos actos/criaturas de um mesmo Pai, nossa família absoluta. Melhor se percebe, agora, o drama de Job: enquanto em casa do Pai, Job encontra-se no seio do amor criador do Pai, a que responde como bom filho que é. Apenas fora da relação familiar, por aparente ausência do Pai, sem isso que é a família como acto de amor, pode Job ser testado como coisa puramente individual, isto

é, como ser humano sem família. E a experiência de Job é precisamente a da radical ausência de família, a todos os níveis.

Sabemos das consequências imediatas e mediatas. Sabemos, sobretudo, que Job manteve viva em si a memória fundamental de uma familiaridade com Deus que nunca abandonou, mesmo tendo sido por Deus aparentemente abandonado. Só que, para Job, o abandono foi vivido como real, na plenitude do sofrimento da total solidão, da radical ausência de laços familiares. Inferno na terra ou inferno como ausência absoluta de familiaridade com os demais seres humanos e, sobretudo, com Deus. Sem família, repetimos, não é possível a humanidade.

A família é coisa biológica. E é-o de uma forma que assume dimensão muito mais vasta e profunda do que a sua simples valência biomaterial. Como é evidente, não é possível haver vida humana sem vida humana preexistente. Mas a família não é coisa biológica num sentido meramente material: o simples mecanicismo material da criação de vida individual nova nunca constitui algo que mereça o nome de família. Por tal, o facto de ser progenitor de alguém não concede automaticamente o título de familiar de alguém.

Esquecemo-nos de que ser mãe, ser pai, ser familiar em sentido geral, exige literal trabalho, que não é mero trabalho em seu sentido físico estrito, mas trabalho em sentido humano, que é apropriação, já de ordem espiritual, do movimento físico. Ser mãe e pai, ser familiar em geral, é um merecimento.

A família é coisa biológica no sentido de que é maximamente o acto de possibilitação da renovação da vida, do surgimento e desenvolvimento de vida nova. Em termos cristãos, este máximo é assumido na perfeição pela Santíssima Virgem que começou a ser família de Cristo não quando o Espírito a conheceu, mas quando disse sim à possibilidade de conhecimento do Espírito, acompanhando sempre o Filho, corrigindo-o quando necessário, assistindo à totalidade da sua paixão e morte, recebendo-o, em angustiosa piedade, em seu colo. O colo de Maria não amortalha Jesus, serve-lhe de berço para um sono que será o último. Maria é o paradigma da família como acto de amor criador.

Este é o sentido da família biológica, inscrito numa materialidade que a Incarnação, por ser precisamente incarnação, não desmentiu, mas numa materialidade que se limita a cumprir a necessidade de transformar em humana carne o sim de Deus à possibilidade de salvação do ser humano e o sim de Maria ao sim de Deus. Paradigmáticamente, família é carne. Mas a carne é o acto material do espírito. Então, família é espírito, acto de espírito feito carne, carne que é fiel presença do que ama ao amado. Assim Maria na relação com o Filho.

Mas assim também José, Pai, que é factor de possibilidade de vida sem relação material. José não conheceu Maria, mas amou-a e a seu Filho, no que é a mais bela lição de amor, puro amor, pois que nem dimensão material progenitorial foi passível de possuir. José incarna a outra forma paradigmática de se ser família: através de um acto puramente espiritual. É-se família simplesmente porque se ama. Mais nada, a não ser tudo o que amar implica e é todo um mundo de dedicação e de trabalho. São José, o trabalhador. Família é trabalho.

Se o Espírito Santo é o mediador que conhece Maria, São José é o mediador que provê o sustento para a, agora sim, completíssima, Família. São José é esse que prolonga materialmente o acto do Espírito, pois, sem a sua acção providencial, Jesus dificilmente subsistiria como ser humano. Cristo,

o carpinteiro. José, o carpinteiro. Mas, sobretudo, José o continuador terreno do acto providencial de Deus. José o Pai de família, que substitui Deus, que já não pode actuar como no Génesis.

E temos, agora percebe-se porquê, a Sagrada Família, que, neste caso, é sagrada porque é mesmo santa: a santa família de Nazaré. Essa que permitiu ao Deus-bebé e Deus-menino chegar a ser Deus-homem. Ora, sendo cada ser humano imagem e semelhança de Deus e cada família humana lugar de possibilidade de desenvolvimento do ser humano, a família é o lugar do desenvolvimento divino do ser humano. Teoricamente.

Esta descoberta pode ter uma leitura simplesmente laica: a família, qualquer seja, é o lugar do pleno crescimento das potencialidades propriamente humanas do ser humano incoativo. Para o cristão, estas potencialidades são a imagem e semelhança de Deus no ser humano. Não há contradição, apenas diferença especificadora.

Melhor ou pior, este paradigma de hipótese de desenvolvimento de possibilidades próprias do ser humano tem funcionado ao longo do que é a história da espécie humana. Mas a história universal do ser humano é a história propriamente dita. Assim, a família, multimodalmente e de forma mais ou menos bem conseguida, é o motor da possibilidade da história. O drama histórico, com as suas berrantes tragédias, começa com a família e com a formação que a família dá a cada um daqueles cujo desenvolvimento permite. É o seu molde antropológico fundamental. Do nível de perfeição dessa formação muito do que se passa no drama do mundo depende.

Muito deste drama diz respeito à qualidade intrínseca do novo ser, mas, se essa qualidade, seja qual for, não for trabalhada pela família no sentido do bem, apenas por feliz coincidência produzirá bons frutos. Perfeito era Cristo e nem por isso deixou a Mãe de o corrigir no famoso episódio das Bodas de Caná da Galileia: a autoridade é devida a quem é sábio. É que a sabedoria é Deus em acto no ser humano e Cristo bem percebeu que quem tinha razão era sua Mãe. Família é autoridade da sabedoria e apenas da sabedoria.

FAMÍLIA NA PASSIVA

Em boa parte, vivemos de modas. Está na moda o tema dos afectos. Tal ênfase é, em parte, devido a uma suposta falência de um modelo dito racionalista. Supostamente, procura encontrar-se nos afectos aquilo que a racionalidade não foi capaz de proporcionar: uma humanidade digna de patentear tal nome. Da fria inteligência racional, incapaz de sentir o próprio dar-se da vida, passa-se a uma forma de inteligência sensível, em que o que conta é o que se sente. Chega mesmo a opor-se pensamento a sentimento. Nada mais errado e perigoso do ponto de vista antropológico.

mental do ser humano a uma sua parte. Quando se procura alicerçar a vida de um conjunto qualquer de pessoas sobre a parte da sua inteligência dedicada à parte material-sensível – seja esta sensibilidade orientada para o exterior ou para o interior da pessoa –, criamos um mundo em que apenas o que é de índole material tem sentido, removendo da possibilidade de fazer parte desse mesmo mundo quer o que diz respeito à parte teórica da vida humana quer o que diz respeito ao governo do motor da própria inteligência, fundamento da própria possibilidade de acção humana, a vontade.



O FUNDAMENTAL É A ESTRUTURA-FAMÍLIA COMO CRIADORA E POSSIBILITADORA DE DESENVOLVIMENTO DE SER E DE VIDA. RESIDE AQUI O ABSOLUTO DA REALIDADE FAMÍLIA, TUDO O MAIS É RELATIVO

O ser humano, em seu acto vígil, nada mais é do que um acto de pensamento, precisamente no que o torna propriamente humano, isto é, um ser racional e livre, mas livre apenas porque racional. Neste acto vígil, a inteligência que o ergue contra um absoluto nada de sentido – única alternativa possível – é constituída por isso a que chamamos sensibilidade, vontade e inteligência, em sentido estrito – a tal restrição racional posta em causa.

Ora, cada uma destas chamadas faculdades humanas não é um desdobramento da pessoa, não é como que um “departamento autónomo da instituição humana” ou, pior, um habitante da pessoa, no que seria uma fundamental esquizoídia do ser humano. São apenas formas próprias que a inteligência humana como um todo tem de se adaptar ao contexto de ser em que sempre se encontra inserida.

É sempre um erro com consequências eventualmente trágicas privilegiar uma destas facetas funcionais da inteligência em detrimento de outras, pois, ao fazê-lo, estamos a reduzir o funda-

Esta redução sensista explica teoricamente muito do que se passa na família, no ensino escolar ou na sociedade ocidental em geral, em que, salvo raras excepções, tudo o que diz respeito à inteligência teórica e ao exercício da vontade está em franca crise. Substitui-se o pensamento teórico por um papaguear copista de banalidades requentadas. Tudo se faz para que decisões difíceis possam não ter de ser tomadas, assim adiando a resolução de problemas graves, por vezes, condenando com tais indecisões milhões de pessoas ao sofrimento e à morte: lembremo-nos dos tristes casos da antiga Jugoslávia e do Ruanda.

Acresce que o afecto, como toda a sensibilidade, se bem que imprescindível no âmbito próprio, é da ordem do passivo: não depende fundamentalmente de nós. A passividade nega essencial e substantivamente a nossa liberdade: ao simplesmente sentir, sou escravo do que sinto. Se não for capaz de me apropriar do que sinto, desapareço como pessoa.

Na dor e no sofrimento, como na alegria, só permaneço se deixar de ser meramente sujeito

de afecto e passar a assumir como minha a dor, como meu o sofrimento, como minha a alegria. Voltamos a Job, mas também encontramos Cristo, no acto fundamental da assunção do cálice da Paixão, que, assim, deixa de ser apenas paixão para passar a ser acto. A Paixão de Cristo é fundamentalmente não-passional, mas activa: é o acto livre de assunção da cruz que salva.

Pode, então, perceber-se que a família não deve ser algo de passional, de passivo, mas de activo. Apenas na amorosa atenção ao bem possível e necessário do outro, dos outros, sem qualquer violência, por excesso ou por defeito, apenas no exercício do acto pleno de caridade para com o outro, a família pode encontrar a sua possibilidade de plena e a sua plena realização.



O SER HUMANO, EM SEU ACTO VÍGIL, NADA MAIS É DO QUE UM ACTO DE PENSAMENTO, PRECISAMENTE NO QUE O TORNA PROPRIAMENTE HUMANO, ISTO É, UM SER RACIONAL E LIVRE, MAS LIVRE APENAS PORQUE RACIONAL

Ora, é este o paradigma da Família de Nazaré, o acto no sentido do bem de todos e de cada um. Não é apenas um alfofre mecânico para que o Deus feito carne possa crescer, no que seria um acto de escravização de Maria e José, mas um acto de uma comunidade de amor, que promove o bem de todos, porque só este bem pode servir o bem do próprio Deus. A família é, pois, um acto e apenas como acto pode subsistir.

FAMÍLIA COMO “COISA QUE CONSUME”

A família pode ser vista como “coisa que consome”, mas é sobretudo “coisa que consoma”, que realiza a possibilidade de continuidade propriamente humana da humanidade, não havendo, para ela, substituto possível, independentemente dos modelos, sempre culturais e secundários relativamente ao fundamental da família como útero político da

humanidade. Não esqueçamos que a Sagrada Família não é sequer uma família integralmente biológica, não deixando de ser perfeita por causa disso.

Mas a família pode mesmo ser uma “coisa que consome”. Há uma dimensão económica inalienável na família, sobretudo para aqueles que, no seu seio, não têm ainda ou já não têm capacidade própria de lidar com a parte económica da sua existência. Ora, esta parte é essencial e substancial, nunca podendo ser dispensada ou descurada. As visões românticas acerca da família apenas como troca de sentimentos, pura e simplesmente condenam seres humanos à morte, pois as pessoas não comem afectos, consomem água, hidratos de carbono, proteínas, oligoelementos, etc. E consomem-nos de forma necessária.

A família possui, assim, na sua base mais fundamental, uma dimensão económica que implica consumo e consumo perfeitamente correcto. O problema não é o consumo em si mesmo e como tal, mas o modo são ou perverso como esse consumo é operado. O que se consome? Os bens necessários para que a família possa existir como tal, isto é, os bens que promovem o bem comum da e na família? Então, tal consumo é santo e dele apenas bem pode advir à família. O próprio acto de consumo, se for sempre de tipo agápico, é um acto de união dos membros da família e, nesse acto de consumo, a família consoma-se como família. Como exemplo paradigmático damos aquele que é o acto político mais belo que conhecemos: o acto de amamentação.

Quanto menos a família consuma o acto de amor que é, mais necessidade tem de consumir

outras quaisquer realidades substitutivas. Quem se sabe amado – porque o acto de amor preenche totalmente o ser de quem ama e de quem é e se sabe amado – não precisa de ir em busca de soluções alternativas. A fonte dos consumos perversos na família é a ausência de amor na família.

A ausência de amor na família corresponde a uma real inexistência de família. Pode haver família em sentido jurídico ou sociológico, qualquer seja, do termo; mas, sem amor, não há família no sentido essencial e substantivo do termo. Precisamente porque a família, ontologicamente, ou é um acto de amor ou não é coisa alguma.

O cuidado com o pormenor do consumo perverso no seio do que deveria ser uma família é absolutamente irrelevante, se não se perceber esta sua origem fundamental. Podemos ir buscar todas as ferramentas securitárias, se o membro da família pensar que está, não no seio de uma comunidade de amor, mas num campo de concentração, arranjará sempre modos de encontrar substituto para o que lhe falta, seja liberdade, autonomia ou ternura, ainda que o faça de modo ilusório. Mas esta ilusão anula efemeramente a dor do abandono como ser que se quer amado e não o é. No limite, a morte será sempre uma possibilidade de gritar ao mundo, em desespero, o absoluto da ausência do necessário amor negado².

FAMÍLIA COMO “COISA SOFRIDA”

Sendo a família um acto de amor, ela não deixa também de ser uma “coisa sofrida”, não já num sentido passional puramente passivo, mas no sentido de que amar pode dar muito trabalho, muita dor e muito sofrimento, se bem que também possa trazer consigo muita alegria.

Parece, então, que a família é uma tenebrosa promessa de dor e de sofrimento, com uma talvez vã possibilidade de alegria associada. É uma aventura humana da mais elevada exigência, em que nada está garantido a não ser que não há garantia alguma: pode tudo correr mal ou não.

Podem os sonhos todos afundar-se ou não. Podem os fins todos revelar-se inatingíveis ou não.

A família é o acto presente de amor entre pessoas que é fundamentalmente um acto de fé na possibilidade de bem do futuro, mas é, sobretudo, o presente contínuo do querer que esse bem seja possível. Logo, a família é um esforço contínuo de realização do bem comum que se quer para tais pessoas, indefectivelmente, se necessário contra tudo e contra todos, na certeza de que, mesmo todos morrendo no fim, o amor nunca morreu. É este o grande triunfo sobre o movimento que procura aniquilar a vida e o bem último da vida que é o amor. Sofre-se, mas triunfa-se, no único modo em que o triunfo é possível ao ser humano: espiritualmente.

DIMENSÃO ÉTICA DA FAMÍLIA

A dimensão ética da família diz respeito ao acto interior próprio de cada um dos seus elementos integrantes: é no seio deste acto, absolutamente pessoal e intransmissível, que nasce tudo o que a família é e pode ser. É a partir dele que se pode transcender para o âmbito do político, isto é, das relações interpessoais.

Não confundir com o âmbito da correcção da acção no seio da família, da ordem do político. A ética não é um cardápio de procedimentos, mas o mesmo acto próprio de cada ser humano enquanto pessoa. Boa ou má. A acção do ser humano é sempre ética, pois é sempre o que esse ser humano é enquanto acto próprio, a nada redutível. A acção correcta segundo o bem comum da família é o bem da família em acto; a acção incorrecta segundo o bem comum da família é o mal, segundo o bem comum da família.

Mas o problema do mal não é ser negativo eticamente, é ser negativo ontologicamente, o que significa que o mal que se faz aniquila a possibilidade de bem. Esta possibilidade aniquilada fica para a eternidade e o bem que não pôde ser feito nunca mais poderá ser feito; e não há substitutos ontológicos

2. O desespero da impossibilidade de amar por não se conseguir já perceber amado pode ser visto, no seu esplendor trágico, no filme *Leaving Las Vegas*, de Mike Figgis, numa reescrita fílmica de *Crime e Castigo*, de Dostoievski, em que a redenção já não é possível, mesmo perante o dom de um amor incondicional.

possíveis. Em termos da família, isto tem uma importância extrema, pois todo o bem feito permanece para sempre no seio da família, mas o mal também.

Uma palavra de amor que deveria ter sido dita e não foi pode ter consequências trágicas, impossíveis de ser remediadas. E não há perdão que obvie ao mal feito, apenas ao mal do malfeitor³. Mesmo que tal mal seja introduzido no seio da família sem o que hoje se chama consciência e culpa associada, tal mal não deixa de o ser e de obedecer à lógica de que depende.

político por essência e substância. Ora, esta definição constitui não apenas a definição de comunidade política, como também, na sua perfeição possível, o acto próprio da Cidade de Deus ou mesmo do Reino de Deus, na sua versão teológica cristã. Pensemos na Sagrada Família: o seu acto é o acto político paradigmático, que integra harmónica e sinfonicamente os actos de recíproco amor entre todas as três pessoas que a constituem; as duas restantes, após a morte de José.



A FAMÍLIA PODE SER VISTA COMO “COISA QUE CONSUME”, MAS É SOBRETUDO “COISA QUE CONSUMA”, QUE REALIZA A POSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE PROPRIAMENTE HUMANA DA HUMANIDADE

O exemplo de Édipo é claro: vítima inocente de um mal genético de uma família, mal iniciado pelo crime de Zeus, Édipo tudo fez para poupar a sua família ao mal, mas acabou por ser agente de males terríveis, em absoluta inocência de vontade própria. Mas o mal feito, feito foi e teve consequências trágicas indeléveis. A sua salvação final não apagou o mal feito, apenas premiou o sofrimento assumido por um inocente que aceitou penar por uma culpa que não era sua.

A ética na família, na sua relação com a dimensão política da família, implica uma total atenção ao bem de cada elemento e uma acção indefectível nesse sentido. Tal é impossível de realizar? Não. O amor implica um esforço humano que eleva o ser humano a alturas divinas.

DIMENSÃO POLÍTICA DA FAMÍLIA

A dimensão política da família é a própria família, quer dizer, o acto da família é um acto de amor entre pelo menos duas pessoas, acto

O acto das Bodas de Caná ilustra precisamente esta relação política entre Cristo e sua Mãe, mesmo no que a política pode ter de menos nobre, o exercício do poder, se este for não no sentido do bem comum, mas no sentido do bem de apenas um ou de alguns.

A lição política que a Virgem dá a seu Filho é paradigmática: ainda que o bem a respeitar inicialmente fosse o do próprio Deus incarnado, um novo bem possível surge a partir do movimento próprio da vida, dom inicial de Deus, posto ao serviço do bem comum. No fim, é o bem comum emergente que é servido: Deus não é coisa caprichosa ou mesquinha, o próprio serve o bem comum, como era suposto que fizesse. E este acto de Maria é o acto paradigmático em termos da relação entre a fonte ética da acção e do bem possível e a sua transcendência política: Maria viu e decidiu, o bem fez-se, o bem foi servido, os seres humanos foram servidos, Deus foi servido. É um momento de Cidade de Deus e de Reino de

3. Sobre o tema do “Perdão”, ver: FREITAS, Manuel da Costa – Perdão. In *O ser e os seres*. Itinerários filosóficos. Vol. II. Lisboa: Verbo, 2004, pp. 216-217.

Deus na terra. Mas todos os momentos da Sagrada Família o foram ou não teria havido Sagrada Família. É este o modelo, não ideal, mas real para todas as famílias. Não há outro.

FAMÍLIA COMO O LUGAR DA AMIZADE

A família é o lugar da amizade. Aliás, é a amizade que constitui a família. A amizade, no que tem de mais elevado, ontológica, ética e politicamente, é um acto de amor recíproco entre pelo menos duas pessoas. Como vimos, este acto de amor é a família em acto. Assim sendo, não há família sem amizade.

Quando se diz que se tem o melhor amigo ou amiga fora da família, a pessoa que dá tal testemunho não percebe que chama família a algo que o não é. A família é onde está a amizade que realizamos. Se não há amizade na nossa vida, não há família na nossa vida. Pode haver a ilusão de se ter família porque se vive numa conjugação análoga de tipo jurídico ou sociológico. Mas isso não é família.

No romance de Dostoiévski, *Crime e Castigo*, Rodion, o criminoso, e Sónia, a jovencinha prostituída, encontram na sua amizade a família que verdadeiramente nunca tinham tido. Este encontro revela-se salvífico para ambos, nesse recíproco amor encontrando a mútua redenção. A família é amor salvífico e redentor, a cada momento, a cada acto, ou não é família alguma.

Neste sentido, mesmo distante no espaço, Cristo, se o amarmos, é a nossa família, o nosso amigo, a carne da nossa carne, pois o amor que lhe tenho e o amor que me tem são a nossa comum carne.

A família pode ser muitos corpos, mas no acto de amor que a constitui é uma só carne, uma só dor, uma só alegria, em e pela partilha operada pelo acto de amor. Se amo o outro, amo-o com o seu sofrimento; não sofro o que ele sofre, mas sofro porque sofre e enquanto sofre. Tal não basta: amá-lo é fazer tudo para que deixe de sofrer, o que implica nunca o abandonar enquanto sofre: presença contígua dos corpos em carne que é amor, como simbolizada pelo colo de Maria.

FAMÍLIA COMO COMUNIDADE DE AMOR

Esta comum carne - que não é fusão ou confusão de pessoas, mas acto de amor, acto de espírito, mas incarnado - é a própria família. Repare-se que esta carne espiritual nada tem que ver com questões de ordem biológica. A biologia é apenas uma forma de base material da família. A grande base da e para a família é o acto de amor necessariamente mútuo: a amizade.

A família, sublinhe-se conclusivamente, não é apenas amor: com um acto de amor singular e não correspondido, não é possível fundar uma família. Pode ser o despertador ético e político para que a constituição da família seja possível, mas não basta. Tem de haver correspondência.

E é o drama da relação de Adão e Eva que aqui encontramos, não enquanto família terrena, de que não duvidamos quanto à sua relação, mas quanto à familiaridade com Deus, que recusaram ao recusar a aliança. Ao acto de amor, acto exigente, de Deus, não responderam com um acto de amor, mas com um acto de perversa afirmação de poder.

Se bem que amando-se mutuamente - nada no texto nos afirma o contrário -, Adão e Eva nunca conseguiram alargar a família em sentido fundamental, pois o seu amor era intransitivo: não transitou para Deus, não transitou para os filhos, que destruíram toda a possibilidade de familiaridade.

A humanidade tem vivido esta incompletude familiar, que é negação da família. É com Cristo que a família recebe o seu sentido pleno de comunidade de amor, que tem necessariamente de transcender o âmbito adâmico de família segundo o corpo, no sentido de se tornar família segundo o espírito e a carne, espírito e carne que são o acto do amor.

Que expressão mais bela e comovente essa que diz: "carne da minha carne", em que o amor não se sente, mas coincide com o meu acto - eu sou apenas a carne do amor e do bem que ponho no mundo, família que Deus quer e que deveria ser o meu horizonte de amor, pois dons e capacidades não me faltam. ●

Nota: Por opção do autor, este artigo não segue as regras do acordo ortográfico.